SEKELEKANI
Comunicação para o desenvolvimento

A Minha Voz

Narração de Sofrimento 2016
ou como se incubam novos conflitos em Moçambique

Celia Sitoe, Palmira Velasco, Tomás Queface e Tomás Vieira Mário

A MINHA VOZ

Narração de Sofrimento 2016

ou como se incubam novos conflitos em Moçambique

Ficha Técnica:

Titulo:
A MINHA VOZ - Narração de Sofrimento 2016
ou como se incubam novos conflitos em Moçambique

Edição:
Tomás Vieira Mário

Texto e imagem:
Célia Sitoe, Palmira Velasco, Tomás Queface e Tomás Vieira Mário

Editor:
SEKELEKANI

Data:
Julho 2016

@Centro de Estudos e Pesquisa de Comunicação SEKELEKANI, 2016

Os textos e as imagens contidas nesta publicação podem ser citados ou reproduzidos, desde que seja mencionada a fonte: SEKELEKANI.

Nota de Abertura

Seduzidos e abandonados

As condições de vida nas aldeias de reassentamento na Província de Tete têm continuado a degradar-se, ano-após-ano, desde o início desta experiência, em 2009. Por um lado, existem camponeses que foram retirados de suas terras férteis ao longo do Vale do Zambeze, nomeadamente de Chipanga, para serem reassentados em terras infórteis, pedregosas, e sem meios de vida adequados. Por outro lado, existem os residentes originários de Moatize, que perderam a sua base produtiva, porque os seus espaços e os recursos naturais ficaram vedados, dentro do espaço da concessão das empresas. De permeio, o sentimento generalizado de "burla" e "defraudação" por parte de todos os grupos afectados, a quem foram atribuídas quantias irrisórias em dinheiro, sem qualquer base objectiva de cálculo, como compensação ou indeminização por perdas e danos. Como consequência imediata, o roubo, o alcoolismo juvenil e a desintegração de famílias têm caracterizado o ambiente social nestas comunidades.Há famílias que se viram forçadas a emigrar para os distritos vizinhos de Zobue ou Angónia, aonde adquiriram terrenos para reiniciar as suas vidas, pois lá asseguram o bem mais importante: terra arável! Mas uma machamba custa entre 30 a 50 mil meticais, em Angónia!

A ausência de espaços de circulação, quer nas zonas de mineração da Vale, quer nas da Jhindal, já no distrito de Marara, devido ao levantamento de vedações circundando áreas residenciais, torna a vida das comunidades locais ainda mais penosa.

E como denominador comum, é manifesto e preocupante o grau de agressão ao ambiente, com impacto directo sobre as comunidades locais, nomeadamente na forma de poluição do ar e dos rios. A dinamitação de rochas, donde se extrai o carvão, quer na zona de Moatize, quer na zona de Cassoca, próximo das aldeias, constitui uma prática com características abusivas, inaceitável em qualquer parte do mundo, mas aparentemente tolerada por quem de direito.

No final de todos os depoimentos, fica o som de um grito colectivo: não existem canais de comunicação abertos e funcionais, entre por um lado, estas comunidades e, por outro, as autoridades administrativas e as empresas. Há uma ruptura no canal, que acentua, entre estas comunidades, o sentimento de "seduzidos e abandonados".

Nesta edição, a Minha Voz compila testemunhos vivos das comunidades de Moatize, Cassoca, Mualadzi, Bairros Bagamoyo e 25 de Setembro, narrando a sua contínua travessia no deserto, numa altura em que a baixa do preço do carvão e o conflito político-militar em Moçambique reduziram a actividade mineira ao mínimo, mas não os seus impactos sociais, económicos e ambientais sobre estas comunidades.

Narração de Sofrimento ou como se incubam novos conflitos em Moçambique

"Narração dos sofrimentos" era uma das primeiras acções que se fazia, no início dos treinos, e consistia em contar, perante os companheiros, o que cada um havia sofrido sob o colonialismo, as amarguras pessoais, familiares e colectivas. As marcas do passado e das humilhações eram trazidas à tona, os orgulhos perdidos tinham deser redimidos. (…) A narração do sofrimento tinha uma dimensão libertadora. (…) Era também um momento de conhecimento mútuo". MONTEIRO,Óscar: De Todos se Faz Um País. Associação dos Escritores Moçambicanos, 1ª edição, 2012, pág. 165

Por detrás dos números….

Com a devida vénia aos seus autores, tomamos de empréstimo esta metodologia de promover o auto e o mútuo conhecimento, e fomos a Tete actualizar a narrativa da indústria extractiva, na sua vertente deindústriade "extraçãohumana", como dizia, no outro dia, Alda Salomão.É a narrativa das comunidades em contacto directo com a indústria mineira. Ali, se umas perderam as suas terras sem qualquer indeminização ou compensação justa, outras ficaram ou enclausuradas em cercas, sem direito à liberdade de movimento e de manifestação, ou e ainda privadas de acesso a seus recursos básicos de vida, como florestas, rios, zonas de pastagem comunitária ou mesmo a suas machambas, tudo bloqueado através de longas vedações erguidas mesmo ao lado de suas casas.

De tal forma que, para além dos números de uma indústria ora amaldiçoada pelo mercado internacional decommodities, estas comunidades correm agora o risco de acordar numa manhã, para se darem conta de que, afinal,durante a noite, as empresasfecharam as portas e foram-se todas embora, deixando para trás, apenas buracos e entulho de lama pedregosa. E nada mais.

Então, socialmente destruturada por deslocações desregradas e reassentamentos improvisados e indignos, a estas comunidades nada mais restará senão pegar, uma vez mais, em paus, pedras e armas, e partir… para novos conflitos.

As narrações do sofrimento são feitas em ambiente de abertura e informalidade, no rasto do velho método de contar estórias à volta da fogueira:Karingana Ua Karingana. E são aqui transcritas com a maior fidelidade possível, sendo apenas sujeitas a uma edição mínima - aquela indispensável para torná-las compreensíveisao leitor. O exercício ocorre em clima de troca de experiênciasentre comunidades moçambicanas de Tete e Sul-africanas de Mpumalanga, num acampamento de aprendizagem ocorrido no final de Junho de 2016.

Vamos seguir, a título de exemplo, os percursos das comunidades de Ntchenga, Bagamoyo e Cassoca, nos distritos de Moatize e Marara: são as mesmas estórias repetir-se-ão em Cateme, Bairro 25 de Setembro ou Mualadzi.

Participantes do I Encontro Internacional de Comunidades vivendo em zonas de mineração em Moçambique e África do Sul

Nós, os restos de Ntchenga…

O meu nome é Osvaldo Sales. Sou natural e vivo na aldeia de Ntchenga, localidade de Catete. Quando a mineradora brasileira Vale iniciou as suas actividades aqui, grande parte da população de Catete foi retirada, e reassentada em Cateme. Isso foi em 2009.Nós, da aldeia de Ntchenga fomos deixados de fora. Disseram que a nossa aldeia não estava na área concessionada à Vale. Então restamos aqui, sem dono…

E aí, quando a população da sede da localidade foi transferida para Cateme, a escola e outros serviços sociais foram aqui fechados, para serem abertos em Cateme. Então nós que restamos, ficamos sem escola, centro de saúde…Passado algum tempo, vimos que não podia ser, então eu mesmo mobilizei o povo e fomos cortar estacas e capim, e construímos uma pequena escola para as crianças.

Osvaldo Sales: "nós ´restamos´ em Ntchenga…sem água nem escola…»

Pouco depois, começamos a ficar todos com dores de barriga; vómitos; até abortos. Cabritos morriam. Desconfiamos que a água do rio Rovubuè estava poluída com a lavagem de carvão mineral. Pedimos socorro ao governo, mas a reposta não chegava… Até que veio a ordem da direção distrital da Saúde, e a Vale aceitou enviar amostras da água para análises no laboratório: aí ficou confirmado que a água estava poluída; que era perigosa para o consumo humano e mesmo dos animais. Então a Vale aceitou nos abastecer de água: trazer-nos água na aldeia, em camiões, uma vez por semana, para a população receber, cada família uma lata de cinco litros. Mas o camião muitas vezes ficava avariado e não vinha. Então voltamos a beber aquela água envenenada do rio. Outra vez diarreias, vómitos…morte de cabritos.

Então o Conselho Cristão de Moçambique sentiu muito o nosso sofrimento, e mandou fazer pesquisa, para nos abrir um furo de água. Furaram muitos metros para encontrar água, mas viram que a água já chegava envenenada da lavagem de carvão da Vale. Viram que não podiam abrir o furo. Nós voltamos à empresa, pedir mais socorro, porque o camião de água era dia sim, outros dias não. Então a Vale disse que vai abrir furo aí mesmo. Nós a comunidade dissemos não! porque sabíamos que a água estava envenenada. Mas eles falaram com o nosso chefe da comunidade para ele nos convencer. Como negamos, este chefe mudou-se; foi viver na Vila de Moatize. Parece que recebeu alguma coisa da empresa….

Mais tarde, numoutro dia, então veio o próprio chefe da localidade, nos mobilizar, dizer assim: "agora vamos resolver esse assunto de água. Vocês devem aceitar a Vale abrir o furo de água aqui! Deixar de negar! Eu que estou a falar, faz de conta sou o próprio Administrador do Distrito, o próprio Governador da Provença, até o próprio Presidente da República, que fica no Maputo".

Com essas palavras, então nós lhe respondemos: " Então está bem: como você é chefe grande, vamos assinar consigo uma declaração, onde você garante que podemos beber essa água; que não há problema. Aceita assinar?" Agora o chefe da localidade, com essa nossa proposta, já recuou, já negou assinar esta declaração. E assim continuamos a restar aqui em Ntchenga, sem água, nem escola para os nossos filhos, ficar assim mesmo… já passam seis anos. Não temos dono….

Passado algum tempo, a Vale instalou um tanque grande de água em Ntchenga , aonde deita água uma vez por semana. Já não vem de camião. Mas também tem semanas que não tem água. Esse tanque foi montado há muito tempo, mas lavar…nada!

Aspecto da escola primária local, iniciativa da comunidade local, para os seus filhos.

Logo depois a mineração da Vale já chegou na nossa aldeia, enquanto disseram que não podiam nos reassentar porque a licença deles não chegava até ali. Então aí começaram a fazer explosões, dinamitar tudo, quase nas portas das nossas casas! As explosões são muito fortes. As pessoas ficam com dores de cabeça; os ouvidos não aguentam e a poeira tapa os olhos. Mesmo comida, roupa…fica tudo sujo. Falamos outra vez com o nosso líder comunitário, mas ele não aceitou levar o assunto na Administração e nos proibiu de ir lá sozinhos. Então fomos outra vez na Vale, e lá disseram para falar no governo. Já alguns sentiram medo de ir no governo. Mas eu perguntei: "Onde um filho vai queixar quando tem problema? Não é no seu pai?! E o governo não é o nosso pai? Então vamos!" E fomos.

Quando chegamos no governo, foi-nos dito assim: "escrever o vosso problema numa carta, escrever como deve ser, mandar na Senhora Administradora". Então escrevemos essa carta e mandamos.

Passou muito tempo e voltamos lá, pedir resposta. Então no gabinete da Administradora disseram essa carta está com o Chefe do SEDAE (Serviços Distritais de Actividades Económicas). Então continuamos, na procura do chede do SEDAE. Lá falaram que ele viajou. Voltamos lá uma coisa de duas vezes e…nada!

Passou mais um tempo e voltamos. Quando encontramos o Chefe do SEDAE então ele disse que não estava a encontrar a nossa carta no gabinete dele. Nós mostramos a cópia, ele reconheceu que sim, lembrou essa carta, mas falou que não encontra a carta. Então dissemos: "está bem: vamos te ajudar procurar carta, aí mesmo no teu gabinete"! Sim, nós queríamos lhe ajudar! Mas ele ai já negou ser ajudado. Nós então fizemos barulho, então ele disse que não: que enviou a carta outra vez para a Senhora Administradora. Que na carta tem problemas que era própria a Senhora Administradora a responder…Perguntamos: "assim é para nós voltarmos na Senhora Administradora outra vez?" Ele disse: "não, vocês é vir ter comigo outro dia".

Passou mais outro tempo, e chegou a Vale, nos recensear, no Ntchenga, dizer que é para nos tirar das explosões e da poeira, para zona de reassentamento. Foi em 2010. Recebemos cartão de recenseado. Quem traz seu cartão aqui? Eduardo, mostra teu cartão. Estão a ver? Mas até data hoje, só ficamos assim, no meio de explosões, sem mais nada. Nem água nem reassentamento. Continuamos a restar….

Narração II

Bagamoyo não tem saída….

Foi-me proporcionada, no longínquo ano de 1985, a grata oportunidade de conhecer um local, na região costeira da Tanzânia, pejado de grande valor turístico e histórico, incluindo para Moçambique. Neste local aprendi o seguinte: No século XIX, escravocratas árabes, oriundos de Oman, instalaram, nessa região, um importante posto de trânsito de escravos. Estes escravos, trazidos de distantes regiões do interior do Tanganyka, para serem vendidos nos mercados do arquipélago do Zanzibar, pernoitavam neste posto. Ao partirem, na manhã seguinte, de barcos, para destinos desconhecidos e dos quais jamais regressariam, e tentando nova resistência, os seus donos lhes diziam, em Kiswahili: Bwaga-Moyo, ou seja: "acalma o teu coração, desiste de resistir". Quando os Ingleses tomaram o Tanganyka da Alemanha, como resultado da derrota desta na I Guerra Mundial, corromperem a escrita do nome, de Bwaga-Moyo para Bagamoyo.

Um século mais tarde, logo após a sua fundação em 1962, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) renovou o peso histórico de Bagamoyo, ao estabelecer, ali, a sua primeira escola e outros serviços sociais, para acolher as crianças e outros refugiados moçambicanos. Após a independência nacional, e no esforço de fixar este facto histórico na memória dos moçambicanos, o novo estado baptizou diferentes locais do território nacional com o nome Bagamoyo, incluindo bairros residenciais, escolas, jardins, e outros locais. Um dos bairros da região carbonífera de Moatize, na província de Tete, leva, exactamente, o nome de Bagamoyo: serene o seu coração. Mas a vida dos residentes deste bairro, na voz de Isac Sampaio, não parece que se preste a serenar qualquer coração… Sigamos o relato de Isac Sampaio:

Isac Sampaio: "os meus fornos foram soterrados por entulho aqui mesmo...."

Eu era oleiro. Tinha uma pequena fábrica de tijolos feitos de abobe, aqui no Bairro Bagamoyo. Porque em Tete as pessoas constroem as suas casas com estes tijolos. Por isso eu não era o único: eramos muitos.

Um dia chegaram pessoas da Vale, comunicar-nos que devíamos abandonar o local onde fabricávamos os tijolos, porque era parte da sua licença. Que ali iam deitar entulho das suas escavações. Então perguntamos como é que nós vamos ficar. Eles não diziam coisas claras. De um dia para o outro, vieram com máquinas pesadas, encher de entulho a nossa área de trabalho, pronto! Os meus fornos ficaram soterrados, aí mesmo! Nos meses secos eu chegava a empregar 25 malawianos, a baterem tijolo, enquanto outros, moçambicanos, trabalhavam nos fornos. Outros fornos de outras pessoas também foram soterrados! E perguntávamos: "mas...como é isso?!"

Como ninguém queria falar connosco, decidimos fazer uma manifestação: arranjamos troncos de árvores e bloqueamos a estrada e a linha férrea por onde passam os camiões e os comboios que transportam o carvão e outros materiais da Vale! Eramos perto de mil pessoas! Ai então apareceram todos, para falar connosco: primeiro chegou a polícia, mas também veio a Vale e representantes do governo distrital. Foi quando chegamos a um acordo: a Vale aceitou nos pagar, a cada um, 60 mil meticais, pela paralisação do nosso trabalho, enquanto era feito um estudo completo para determinar o valor das indeminizações. Isto foi em 2010. Preparamos todos os documentos e provas. Eles (agentes da Vale) andaram aqui, a recolher todos os documentos e provas das nossas actividades, para se calcular as indeminizações. Mas desde 2010 até agora...indeminização...nada!

Quando nós insistimos, começaram a mudar, dizendo que aqueles 60 mil eram a própria indemnização; não haveria mais nada! Então vimos que aquilo foi manobra para nos controlar, nos calar. Assim, também os garimpeiros que extraiam carvão, para os nossos fornos, na zona de Chipanga, perderam os seus meios de sustento…

Em 2013, mês de Setembro, fizemos outra manifestação…Depois fomos ao tribunal, apresentar documentos sobre os nossos negócios, os prejuízos, mas…nada!

Chegou um dia e combinamos criar uma associação dos oleiros, para nos ajudar a reclamar os nossos direitos. Levamos aos serviços de justiça: os papéis foram todos rasurados, com muitos pontos de interrogação sobre as páginas…tudo riscado! (E exibe os papéis). Voltamos para corrigir, com a ajuda de um advogado, e remetemos de novo. Mas aí já não dizem nada: quando fomos lá, a senhora que nos atendeu só gritou para nós, muito zangada, a dizer: "isto ainda tem erros! Devem corrigir!" Mas não despachou por escrito, para sabermos o que está de novo errado. Só nos devolveu, outra vez, os papéis…Assim ficamos sem ar para respirar…

Agora, este ano, a Vale abriu mais vedações, a fechar todas as saídas do Bagamoyo. As novas vedações estão mesmo encostadas às nossas casas! Agora não temos quase nenhuma saída: fechou tudo. Nem para ir no mato pastar cabrito, nem para as mamãs irem cortar lenha. Machamba também não tem caminho. Bagamoyo não tem saída…

Enquanto esta conversa se desenvolvia, um guarda de uma empresa privada, que vigia os movimentos da população ao longo da vedação, aproximou-se-nos, com o seguinte aviso: "daqui a pouco vão começar as explosões com dinamite. Começam às 13 horas. Os senhores devem afastar-se daqui, por causa do barulho e da poeira …»

Partimos, rumo à mina fechada e ardente, de Chipanga, cerca de cinco quilómetros de Bagamoyo, aonde encontramos aqueles garimpeiros que vendiam carvão aos oleiros. Acto contínuo, ouvimos, dali, estrondosas explosões de dinamite e vimos espessas nuvens de poeira, levantando-se e pintando os céus de preto. E nos interrogamos: como pedir aos residentes de Bagamoyo que serenem os seus corações?

Narração III

Cassoca é a mesma coisa com quartel…

Chamo-me Joice Lázaro. Sou professora primária na aldeia de Cassoca. Ali em Cassoca às vezes parece um outro país. É quase a mesma coisa com quartel. A comunidade vive dentro de uma cerca, de arame grosso, levantada pela Jhindal, uma empresa mineradora Indiana. Vivemos assim há vários anos. Ninguém entra ou sai da cerca de qualquer maneira: tem guardas que controlam todos os movimentos. As visitas não são permitidas. Assim, se o senhor quiser visitar alguém da sua família, que vive dentro da área da Jhindal, não pode chegar vestido dessa maneira: melhor arranjar roupa suja, assim mais ou menos rasgada; cabelo despenteado…parecer um camponês daqui, pobre, e combinar com a pessoa para confirmar ao guarda que você é da família…

Mas o pior de tudo são as explosões com dinamites. Porque as explosões são feitas mesmo nas casas das pessoas, porque a mina funciona mesmo assim: dentro da aldeia, no meio das pessoas! A Jhindal não retirou ninguém para reassentar num outro local. Pelo menos a Vale reassentou em Cateme e a Rio Tinto em Mualadzi. Os indianos…nada!

Joice Lázaro: se ao menos garantissem água potável em Cassoca.

Algumas vezes, com explosões mesmo muito fortes, a empresa combina com o líder comunitário, para ele mobilizar a população e levá-la a refugiar-se longe, no mato, por causa do barulho e da poeira de carvão. Assim o povo vai ficar no mato naquela tarde…Mas quando regressa a casa encontra a xima

(farinha de milho), estendida para secar, já muito suja, com poeira de carvão…Por isso, mas principalmente por causa da fome, muitas famílias têm estado a fugir de Cassoca, para a localidade de Nhamadzanidzani.

Outro dia o próprio governador da província, que estava a visitar a comunidade, sentiu-se mesmo obrigado a interromper a visita, por causa das explosões e dos fumos….Abandonou mesmo! Então, a comunidade tem sofrido muito, com poeira do carvão, barulho das explosões, arame farpado…

Até que no ano passado (2015) a Jhindal aceitou reunir com a comunidade para discutir esta situação. Fomos ajudados pela Liga dos Direitos Humanos e pela União Provincial de Camponeses. Então foi assinado um acordo, para a Jhindal construir 500 casas noutro local, para a comunidade de Cassoca descansar de sofrer. O acordo foi em Março de 2015 e foi acordado para a Jhindal entregar as casas no prazo de 18 meses. O governo provincial testemunhou…Então a Jhindal começou a construir casas, mas até agora só construiu cinco casas. Mais nada! Quando perguntamos porquê, eles dizem: "está a demorar porque queremos fazer boas casas, fortes. Mas se vocês quiserem…podemos fazer mais rápido, despachar…como aconteceu em Cateme"!

Vista parcial da aldeia de Cassoca, no distrito de Marara

Da última vez esteve cá o próprio governador da Província, mostrou estar muito zangado com esta demora das casas, mas nem por isso alguma coisa mudou. Agora estamos ouvir dizer que as casas não avançam porque tem pessoas do governo que exigem a Jhindal para serem eles os empreiteiros, e assim nada está a avançar. Muitas pessoas querem ficar com o dinheiro das casas. Agora estamos a ouvir dizer também que a Jhindal vai abandonar as minas, fechar tudo. Então como a comunidade vai ficar? Ninguém sabe nada. Assim, um dia podemos acordar…e encontrar que eles já foram embora, fecharam tudo, e aqui só deixaram esses buracos todos…

A mina da Jhindal, situada numa área concessionada de 17.600 hectares, foi autorizada a iniciar as suas actividades no primeiro trimestre de 2013, sem que dali fossem, antes, retiradas as populações locais, e reassentadas em outro local. Nestas condições, e no meio de pedidos de socorro da população, a mina foi formalmente inaugurada pelo Presidente da República, Armando Guebuza, em Agosto de 2013.

Entretanto, na mina abandonada de Chipanga, ficou um vasto buraco negro, com carvão vegetal ardendo no seu fundo. Lá mesmo, ao fundo, tem jovens que, desesperadamente, cavam e partem este carvão com picaretas e pás, e, aos montinhos, o vendem a preço tão baixo, que melhor seria oferecê-lo gratuitamente…

Narração IV

Dormi na capoeira durante mais de 40 dias

Chamo-me Duzélia Muampiracasso e sou reassentada pela Vale no Bairro 25 de Setembro, Distrito de Moatize, desde 2009. Desde então a minha vida parou: não está a andar.

DuzéliaMuampiracasso: "até parece que estou na cadeia…»

Lá onde eu vivia, em Chipanga, a vida estava a andar bem. Aqui estou a sofrer, pois não tenho nada a fazer: não posso ir cortar lenha, nem ir apanhar malambe (fruta do embondeiro), só estou aqui. Até parece que estou na cadeia. Todo o Moatize está vedado por causa do carvão. Eu nem sei se esse carvão sai ou não, nem sei sequer qual é a produção diária! Nós só estamos aqui a sofrer!

Essas casas que nos deram não são seguras; estão cheias de rachas, quando cai chuva a água entra logo dentro, e, quando faço limpeza, a água entra nas rachas e à noite a casa faz barulho. No tempo de chuva você só ouve bum! bum! bum! Você treme sozinha.

Lá em Chipanga vida estava boa porque tinha machamba onde fazia produção. Quando quisesse fazer tijolo fazia mesmo dentro do quintal, porque tinha quintal grande. Fabricava tijolo e queimava lá mesmo no meu quintal, depois dividia, uma parte dos tijolos usava para construir e outra parte comprava chapas e o resto do dinheiro sustentava a escola das crianças.

Casas do reassentamento do Bairro 25 de Setembro: sem fundações e com fendas que deixam entrar a água da chuva…

O meu filho tem décima segunda classe, estudou graças ao dinheiro dos tijolos. Em Chipanga não havia incómodo, eu ia trabalhar na machamba voltava da machamba no final de semana e queimava tijolo com meu marido, tinha lugar onde ia cortar lenha e lá na machamba produzia muita comida.

A actividade mineira impôs o encerramento, sem justa indeminização, de pequenas fábricas caseiras de tijolo que garantim o sustento de muitas famílias.

Esses 119 mil Meticais (valor da indemnização) que eles nos deram, nas contas que fizemos, o valor não é suficiente para comprar espaço, mandar fazer limpeza, abrir machamba e comprar semente. Onde há espaço para fazer machamba preciso de subir "chapa". Esse valor que recebi, não chegou. Com esse dinheiro preferi comprar milho durante alguns meses para alimentar a família. O dinheiro já acabou e onde vou encontrar machamba aqui em Moatize se tudo está vedado? A machamba que posso conseguir comprar é só em Angónia ou Zóbue, e ainda é preciso construir lá mesmo.Nessas zonas, Angónia e Zóbue, quando as pessoas ouvem que chegou alguém de Moatize os preços sobem, porque acham que quem vem da cidade tem muito dinheiro. Falam de 30 mil Meticais só para te darem machamba. Esse valor de 119 Meticais vai chegar?

Para começar uma nova casa, organizar o sítio e ainda comprar comida na nova casa para além de ter que deixar alguma coisa para as crianças em casa usarem. Esse dinheiro recebido não chegou! Aqueles que conseguiram foram ficar de vez em Angónia e alugaram as casas para conseguirem sobreviver e custear os estudos das crianças. Aqueles que não conseguiram estão aqui sempre a sofrer!

O sofrimento é maior ainda porque essa água não está a sair; as lâmpadas dos postes, na rua, não acendem.Onde sai água somos obrigados a pagar 5 meticais por cada bidon. Imagina com um agregado de treze pessoas em casa para lavar, fazer limpeza da casa e outras actividades. E depois a zona está cheia de ladrões. Aqui não temos escola. O hospital só está disponível de segunda a sexta. Sábado e domingo é suposto que ninguém fique doente, mas a doença não avisa! Só a parteira é que trabalha diariamente mas para consultas normais só podem ser feitas até as 15.30.

Para as crianças poderem estudar, procuramos vagas junto às irmãs de caridade. Outras crianças são escoltadas pelas mães até a vila e, depois da saída as mães devem de novo ir buscar as crianças na vila. Aqueles pais que não têm poder de pagar o transporte as suas crianças devem caminhar todos os dias. Deixam todas as actividades e dedicam-se ao acompanhamento das crianças à escola.

Já falamos, várias vezes, com o governo, até criamos uma comissão para informar ao governo e a empresa Vale sobre as crises que estamos a passar aqui, mas nunca muda! Eles dizem sim, sim! Mas os anos estão a passar, desde 2010 estamos na mesma. Não há condições para ficar aqui!

Seria bom se eu pudesse voltar para Chipanga, não iria sofrer.

Uma lata de milho está a 500,00 Meticais. Agora esses 500,00 Mts onde vou apanhar se não trabalho, não corto lenha, não faço tijolo, não estou a vender massanica, não produzo folhas de abóbora, não apanho malambe, agora como que vamos fazer?

Para sobreviver vamos a Cahoele comprar um saco de carvão para revendê-lo a montinhos de 10 Meticais. Desse negócio apenas consigo 15 a 20 Meticais de lucro. Esse valor de lucro compro um molho de couve para alimentar os netos. O valor do investimento, de novo, compro um saco de carvão. Mas quando fico doente, não tenho nada a fazer.

A empresa Vale quando chegou em Chipanga disse que ia fazer uma mudança boa mas essa mudança não estamos a ver. Falava muitas coisas boas e diziam: vocês vão ter emprego, as senhoras vão trabalhar os jovens vão ter escola, vão tirar cursos etecetera, etecetera, por isso nos enchemos a cabeça e acabamos aceitando sair para depois lavarem as mãos e nem prestarem uma única visita.

No início vinham para saber como estamos, mas depois de três meses foram de vez e lavaram as mãos! Quando vamos reclamar a empresa diz: vão falar com governo e quando vamos ao governo, este por sua vez diz: vão falar com a empresa, que não querem saber disso. Quando a empresa vinha lá falar convosco havia alguém do governo?

É assim mesmo a jogada que nos fazem! O tempo está a passar, as pessoas estão a morrer, estão a sofrer não têm nada a fazer desde 2010 até agora. Perdemos nossos bens. É essa vida boa encravar aqui?

Eu criava galinhas aqui, mas por causa de ladrões eu era obrigada a dormir na capoeira durante 45 cinco dias até elas crescerem. Dormir junto com galinhas mas mesmos assim fui roubada. Mas, lá em Chipanga tinha tudo e quem não tivesse nada, tinha esperança de ter, tinha projectos porque fazia trabalhos e estava a produzir. Agora aqui só produzo para a boca.

Narração V

Ardendo com o carvão ...

São cerca de 14 horas, mas o sol continua intenso. Apesar de ser Junho, considerado mês de tempo ameno, um dos meses de inverno, o calor é intenso na mesma. Escalamos uma montanha, em Chipanga, Sede, no Distrito de Moatize. Estamos na antiga mina de carvão mineral que foi explorada pela Carbomoc (uma empresa estatal operada em cooperação com a extinta República Democrática Alemã (RDA)e paralisada desde 1998). À medida que nos aproximamos da montanha o calor torna-se ainda mais intenso.

Ao fundo, vêm-se cerca de uma dúzia de homens que se dedicam à extração de carvão mineral, de forma rudimentar. Não têm qualquer equipamento, nempossuem vestimenta adequada para o trabalho que faz, manualmente (botas, luvas, capacetes, máscaras, etecetera). A cor dos seus corpos e dos restos de roupa que vestem confundem-se com a cor do próprio carvão. Eles escavam a montanha com picaretas e pás.

São mineiros artesanais ou garimpeiros. Parte da mina onde extraem carvão está em fogo permanente, daí o calor intenso que se faz sentir no local.

Eis a sua história:

Somos todos residentes do Bairro 25 de Setembro. Estamos aqui à procura de pão para sustentarmos as nossas famílias. O desemprego é que nos faz trabalhar aqui, para não andarmos a roubar.

Tínhamos esperança de que o sofrimento iria acabar quando a empresa Vale começou a trabalhar aqui em Moatize. Pensávamos que íamos ter emprego, mas não temos.

Percorremos diariamente quatro quilómetros de casa para a mina e de regresso. O dia de trabalho começa às seis horas da manhã e termina as 18 horas. Ao sairmos de casa levamos merenda (água, farinha, peixe, sal) e tudo o que precisamos utilizar. Nós mesmos cozinhamos aqui a nossa comida, usando lenha.

Já estamos a trabalhar há 10 anos aqui nesta mina. Apesar de sermos um grupo, cada um demarcou o seu espaço onde vai quebrar a pedra para depois extrair o carvão que vai vender.

O trabalho é muito duro; leva quatro meses para partir a pedra da montanha até encontrar a camada de carvão. E o carvão está a arder. Ele arde sozinho, dia e noite. Embora esteja muito quente, mas temos que trabalhar.

Sabemos do perigo que corremos, mas não temos outra forma de sobreviver.Sabemos que a mina pode desabar a qualquer momento, mas não temos outra alternativa para a sobrevivência. A seca e a fome que se fazem sentir este ano prejudicam-nos muito no negócio.

Vendemos cada montinho de carvão ao preço de 300,00 Meticais. Vendemos a oleiros, que usam o carvão para a queima do tijolo bruto. Mas uma vez que os oleiros também estão a ter dificuldades de produzirem o tijolo, o nosso negócio fica afectado.

Eles prometeram e nunca mais voltaram...

É uma manhã amena de Junho. Estamos ainda no Bairro de Bagamoyo. Aqui a maioria das casas é construída de bloco bruto de fabrico artesanal. As casas não obedecem a um alinhamento rigoroso porque o espaço não foi parcelado. As ruas não são rectas. O solo é acidentado por isso não há nenhum sistema de esgotos. As águas dos esgotos correm e obedecem a trajectória natural, de acordo com a inclinação do terreno. Subimos até ao cimo do monte para ter uma boa vista do que se passa em redor do bairro.

Uma vedação metálica, longa a perder de vista, delimita a zona residencial do espaço onde ocorre a extracção do carvão mineral pela empresa Vale. Do outro lado da vedação vê-se e ouve-se o roncar duma máquina escavadora. O cenário é completado pela poeira provocada pelo movimento da escavadora.

Buuummmm, buuummm.... Ouve-se e, logo a seguir uma nuvem preta, densa, sobe e depois desfaz-se e espalha-se no espaço. Era o efeito da explosão de dinamites colocados nas rochas para as fazerem explodir e darem acesso a retirada do carvão.

Fumo de explosões de dinamite cobrindo os céus de Moatize , Julho de 2016

A zona residencial dista a cerca de 1000 metros das minas de carvão. Os residentes, impotentes, assistem diariamente a este cenário, sem nada poderem fazer para se protegerem de doenças respiratórias. Para além disso já não têm acesso ao curso de água, do rio Rovubué, nem à lenha, a machambas e a pastagem para seus animais.

Do lado residencial há uma actividade desenvolvida por vários homens, a olaria, virada à produção de tijolo. Esta actividade, que sustenta várias famílias, está ameaçada, ora por escassez de matéria- prima, ora por falta de espaço, ocupado pela vedação crescente da Vale.

Fortunato Tenente, oleiro, conta:

Todos os dias a Vale provoca explosões sobre as montanhas de pedras, o que provoca muita poeira nas aldeias. A nuvem de poeira que vê vai alastrar-se e atingir as casas. No acto da explosão das minas, as casas estremecem e ficam com rachas. A nuvem de poeira propaga-se até atingir esta zona residencial. A poeira entra dentro das casas e a inalamos diariamente. Poisa na farinha de milho que deixamos secar ao sol, na roupa e, em tudo.Aqui temos problemas de saúde muito sérios.

Arnaldo Macala: "a vedação bloqueou-nos o acesso às machambas e às pastagens dos animais..."

Quando a Vale chegou aqui e ocupou o espaço onde tínhamos os nossos fornos, a Vale pagou de compensação, 60 mil meticais a cada uma das famílias que trabalhava aqui, fabricando tijolo. Mas esse dinheiro estava a pagar-nos pela paralisação do nosso trabalho: ainda faltava indemnizar. No acto de recebermos esse valor não assinamos nenhum documento. Passado algum tempo a empresa veio dizer-nos que não haveria mais dinheiro. Mas será que aqueles 60 mil (meticais) compensam os recursos naturais que faziam parte da nossa vida?

A vida está muito difícil desde que a Vale vedou as nossas machambas. Os animais não têm pasto nem água. Com a vedação ficou limitado o espaço para adquirirmos barro para a produção de tijolos, nossa única forma de sustento. No início a Vale prometeu dar-nos projectos de geração de renda e pediu que cada um escrevesse o que gostaria de fazer. Todos nós fizemos isso, e eles recolheram as nossas propostas. Mas desde 2013 até hoje nunca mais voltou a contactar-nos e não está a acontecer absolutamente nada.

Nesta vedação que a Vale montou, deixou um espaço para os residentes entrarem e procurarem lenha, mas os "seguranças" não deixam ninguém entrar.Já não temos barro nesta zona residencial, mas há muita quantidade de barro, do outro lado da vedação, mas não nos é permitido tirar, nem sequer entrar.

Estávamos habituados a produzir quase tudo na machamba, mas agora temos que comprar tudo. O valor da actividade de olaria é em média de 10.000 Meticais, mensais. Não é suficiente para pagar os trabalhadores e sustentar uma família.

Vedações da Vale encostadas a habitações no bairro Bagamoyo e bloqueando a pastagem.

Flores que podem murchar...

No Bairro de Bagamoyo as crianças percorrem dois a pé, a caminho quilómetrosda Escola Primária Completa 1º de Maio, pois no seu bairro não existe nenhuma escola.

No caminho cruzamo-nos com quatro meninas regressavam da escola. Uniformizadas, alegres e a brincar. Crianças inocentes que não têm noção do perigo de saúde que correm no bairro onde vivem. Acenaram um "tá-tá" e de seguida pousam para uma foto.Alegres por se espelharem na foto, sorriem.

Consola tem 10 anos e sonha ser médica; Anastácia de 8 anos quer ser professora; Brasileira de 7 anos quer também ser professora, bem como a Esperança de 6 anos.

Mas a profissão de professor, talvez por ser aquela que neste momento as crianças podem "ver" de perto, na sua escola, não alimenta apenas os sonhos das meninas: também alimenta o dos rapazes. João Chico e Castro Castelo são dois amigos que também vivem no Bairro Bagamoyo, frequentando a 4ª e a 5ª classes respectivamente, também desejam ser professores, quando adultos.

Só que estas crianças não imaginam as dificuldades por que podem passar, para alcançarem os seus sonhos, seas suas condições de vida actuais se mantiverem inalteradas.

Os dois amigos dizem que todos os dias ajudam a fazer trabalhos caseiros e depois de terminarem os trabalhos vão a escola. No regresso, juntamente com outros amigos, jogam à bola.

Jogamos num campo improvisado. O campo onde jogamos tem muitas pedras, não dá para corrermos a vontade, diz o João.

Eu gostaria de viver próximo da escola e ter um lugar grande para brincar, jogar futebol e ter hospital perto porque quando estamos doentes andamos muito até chegarmos no hospital, diz Castro e acrescenta: aqui há problemas de poeira de carvão, eu gostaria de viver num outro lugar.

Participantes do Primeiro Encontro Internacional de Comunidades vivendo em Zonas de Mineração em Mocambique (Tete) e na África do Sul (Mpumalanga)

Tete, 28 a 30 de Junho de 2016